

RESENHA

STANTON, Graham N. *Jesus and Gospel*. Cambridge University Press. Cambridge, 2004.

*Jairo Rivaldo da Silva*²⁰¹

Graham Stanton (1940-2009) foi Professor de Divindade “Lady Margaret” na Universidade de Cambridge e membro da Faculdade Fitzwilliam. Foi um renomado estudioso de Jesus e dos Evangelhos. Entre suas obras mais conhecidas (sem tradução para o português) temos: *Gospel Truth? New Light on Jesus and the Gospels* (1995); *A Gospel for a New People: Studies in Matthew* (1992); *The Gospels and Jesus* (1989); *Jesus of Nazareth in New Testament Preaching* (1974). Nos seus últimos estudos, Stanton fez uma série de incursões importantes nas implicações teológicas dos códices de papiro dos Evangelhos. Desse modo, *Jesus and Gospel* é uma coleção de ensaios organizados em três partes principais: (1) “Jesus e o Evangelho”, (2) “Jesus” e (3) “Os Evangelhos e os Códices de Papiro”.

Na parte mais extensa do livro (p. 9-110), “Jesus e o Evangelho”, Stanton explora a origem e o uso do grupo de palavras que deram origem a palavra *euaggelion*, de Jesus ao cristianismo do século II (no contexto do culto imperial romano). A sua tese nesse ensaio é que a proclamação do evangelho de Deus a respeito de Jesus o Messias talvez tenha sido uma competição intencional com as “boas novas” da propaganda imperial romana. A preocupação central de Stanton é com a origem do uso singular cristão incomum de *euaggelion*, tendo em vista que as fontes greco-romanas contemporâneas tendem a usar *euaggelion* no plural. De

²⁰¹ Bolsista da Capes. Doutorando em Ciências da Religião (*Religious Studies*) pela (UNICAP) Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Filosofia pela (UFPE) Universidade Federal de Pernambuco. Especialista em Teologia do Novo Testamento e em Teologia Histórica pela (UNIFIL) Centro Universitário Filadélfia. Especialista em Teologia Filosófica Pelo Colégio e Faculdade Kennedy. Especialista em Ciência Política pela (UCAM) Universidade Cândido Mendes. Licenciado em Filosofia pela (FAFICA) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. Licenciado em História pelo Centro Universitário ETEP. Bacharel (Formação Ministerial Livre) em Teologia pelo (STEC) Seminário Teológico Evangélico Congregacional. Atualmente é Professor de Teologia e Filosofia no (STJE) Seminário Teológico Jonathan Edwards em Caruaru-PE e Coordenador da Formação em Teologia (Livre) EAD e da pós-graduação (lato sensu) e do Mestrado (intracampus) em Estudos Bíblicos e teológicos do NT. Professor de Filosofia na educação básica (Ensino Médio) Na Escola Estadual de Referência Protázio Soares de Souza em Toritama-PE. Membro associado da ABIB (Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica). E-mail: jairorivaldo@gmail.com

acordo com Stanton, Jesus via-se como um profeta messiânico e sua proclamação como um cumprimento de Isa. 61:1-2, mas as ocorrências de “evangelho” no singular em Marcos não derivam de Jesus, mas da igreja pós-pascal. O substantivo singular e absoluto, “evangelho”, de acordo com Stanton, foi usado pela primeira vez em Antioquia, entre 37 e 40 d.C., significando “as boas novas de Deus a respeito do Messias”, talvez, como uma contra-história ou evangelho rival às “boas novas” imperiais romanas.

A fim de sustentar a sua tese, Stanton segue a hipótese de que o culto imperial é, na verdade, a questão central em Gálatas (daí as várias ocorrências do termo evangelho na carta). Da mesma forma, o uso frequente de “o evangelho” em Filipenses também pode ser lido no contexto do culto imperial naquela colônia romana. Embora a tese de Stanton não seja implausível, ele mesmo admite que existem evidências questionáveis no NT. Por exemplo, a única ocorrência que parece lembrar a linguagem do culto imperial em Filipenses é 3:20. Além disso, Stanton também admite que a frase “a palavra” era uma abreviatura mais difundida para as boas novas sobre Jesus o Messias do que o próprio termo “o evangelho”.

Em “O Evangelho Quádruplo” (p. 63–91) Stanton pergunta como e quando o Evangelho Quádruplo surgiu. Depois de revisar o primeiro testemunho da existência de um Evangelho quádruplo em Irineu, ele se concentra nos três primeiros códices de quatro evangelhos: (1) P45 (primeira metade do século III), (2) P75 (entre 175 e 225 d.C.), contendo Lucas e João e talvez originalmente Mateus e Marcos, e (3) o códice que consiste em P64, P67 e P4 (final do século II). O último deles foi provavelmente contemporâneo de Irineu. De acordo com Stanton, o surgimento do Evangelho quádruplo está ligado à adoção cristã do códice no período do século II. Stanton enfatiza a importância do Evangelho quádruplo na igreja em comparação com os Evangelhos apócrifos e entende que os Evangelhos são “apostólicos”, não em termos de autoria, mas em um sentido mais amplo. Além disso, a aceitação do Evangelho quádruplo, apesar das contradições, sinaliza uma aceitação da tensão cristológica entre os Evangelhos Sinóticos e o quarto Evangelho. Embora a proposta de Stanton de que o Evangelho quádruplo tenha surgido antes de 150 d.C. não é improvável, vincular esta coleção à adaptação cristã do códice.

Na segunda parte do livro, “Jesus” (p. 127-161), Stanton reúne dois ensaios importantes: o primeiro é sobre a antiga acusação de que Jesus foi um mágico e falso profeta que enganou o povo de Deus. Stanton mapeia essa acusação ao longo da história do cristianismo antigo e demonstra que essa acusação pode ser encontrada no judaísmo e no paganismo do século II. No segundo ensaio, “Antigas objeções à ressurreição de Jesus”,

Stanton analisa criticamente as críticas de Celso e do judeu, Trifão. Por fim, ele analisa as mais conhecidas objeções à ressurreição de Jesus que existiram no século I.

A terceira parte do livro, “Os Evangelhos e os Códices de Papiro” (p. 165–191) também contém dois ensaios: no primeiro, “Por que os cristãos eram viciados no Codex?”, Stanton retoma as questões levantadas no ensaio de abertura. Ele propõe três estágios cronológicos para a adoção do códice pelos cristãos: (1) os primeiros cristãos usavam cadernos (membranas) para coleções de testemunho bíblico (por exemplo, 4Q em Qumran); Paulo pode ter usado o mesmo meio para reter cópias de suas cartas; as palavras de Jesus podem ter sido escritas em cadernos; (2) no início do século II d.C. os escribas cristãos adotaram o novo formato do códice por razões pragmáticas (eles eram menores e portáteis). Além disso, o novo meio adaptava-se à sua postura contracultural e expressava a “novidade” do Cristianismo; e (3) talvez influenciados pelos cristãos, os escribas não-cristãos que copiavam textos não-cristãos começaram a preferir o códice aos rolos (cerca de 300 d. C.).

Finalmente, no último ensaio, “O que são os Evangelhos? Novas evidências dos Papiros” (p. 192–206) Stanton discute os antigos fragmentos de papiro dos evangelhos, com especial atenção aos papiros Oxyrhynchus, publicados entre 1997-1999. Stanton revisa os sete primeiros fragmentos de papiro de Mateus, quatro de João e cinco de Lucas, juntamente com o primeiro fragmento de João (P52) e os três primeiros códices dos quatro Evangelhos, concluindo que a visão tradicional que contrasta os rolos judaicos com as cópias dos evangelhos em códices e que atribui à escrita dos rolos um cuidado profissional, enquanto que dos evangelhos é dito que eles foram feitos no “dia-a-dia”, sem nenhum cuidado formal, não se sustenta diante das evidências documentais.